

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JEAN-LUC GODARD, PARA SEMPRE  
9 e 30 de Janeiro de 2023

### MASCULIN FÉMININ MASCULINO FEMININO / 1966

um filme de JEAN-LUC GODARD

*Realização:* Jean-Luc-Godard *Argumento:* Jean-Luc Godard, segundo adaptação livre de duas novelas de Guy Maupassant, "La Femme de Paul" e "Le Signe" *Fotografia:* Willy Kurant *Montagem:* Agnès Guillemot *Música:* Francis Lai, Mozart *Som:* René Levert *Interpretação:* Jean-Pierre Léaud (Paul), Chantal Goya (Madeleine), Marl ne Jobert (Elizabeth), Michel Debord (Robert), Catherine-Isabelle Duport (Catharine-Isabelle), Eva Britt Strandberg (a actriz do filme), Birger Malmsten (o actor do filme), Elsa Leroy ("Mademoiselle 19 ans"), Chantal Darget (a mulher no metro), Brigitte Bardot e Antoine Bourseiller (casal no café), Françoise Hardy (a amiga do oficial americano).

*Produ o:* Anouchka Films, Argo Films, Svensk Filmindustri Sandrews (França, Suécia, 1966) *Produtor:* Anatole Daumon *Cópia:* DCP, preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 104 minutos *Estreia Mundial:* 18 de Abril de 1966, em Paris *Estreia comercial em Portugal:* 17 de Maio de 1973, no Cinema Est dio 444.

---

"famos muitas vezes ao cinema. O ecrã iluminava-se e nós estremec mos. Mas eram também muitas as vezes em que a Madeleine e eu ficávamos decepcionados. As imagens saltavam e pareciam gastas. Marilyn Monroe envelhecera tremendamente. Estávamos tristes. Não era o filme com que tínhamos sonhado. Não era esse filme total que cada um de nós trazia consigo, esse filme que quer mos ter feito ou, mais secretamente, que quer mos ter vivido."

Paul/Léaud (em off), MASCULIN FEMININ

MASCULIN FÉMININ   o Godard seguinte a PIERROT LE FOU, como este filmado nas "vésperas" de 1968, mas em Technicolor, em viagem, romanesca varia o do *film noir* americano, amoroso de Karina/Belmondo, Marianne Renoir/ Ferdinand, ou seja, Pierrot. A preto-e-branco, parisiense, mais imediatamente ligado   cinefilia e   Nouvelle Vague dos começos de Godard (LE PETIT SOLDAT), sem Raoul Coutard na direc o de fotografia e sem Karina, MASCULIN FÉMININ   também o filme de um jovem casal, formado por Jean-Pierre Léaud e Chantal Goya (Paul e Madeleine). Léaud, o rosto masculino da Nouvelle Vague desde LES 400 COUPS de Truffaut, fora entretanto assistente de Godard em UNE FEMME MARIEE, ALPHAVILLE, PIERROT LE FOU. Nos dois últimos tem apari es fugazes e não creditadas e voltaria a ser actor de Godard nos anos 60 em MADE IN U.S.A. (também de 1966), LA CHINOISE, WEEK-END, ou, nos 80, em D TECTIVE. Em MASCULIN FÉMININ, do mesmo ano do também parisiense LE P RE NO L A LES YEUX BLEUS em que Jean Eustache o filmou com bobines de película Kodak 35 mm de MASCULIN FÉMININ,   Paul, nome de tantas personagens masculinas de Godard.   a ele quem Madeleine lembra "Tu não às Pierrot le fou, ele roubava automóveis para as suas mulheres". Pois não, Paul não   Pierrot. Tendo a melancolia da proximidade com o quotidiano e a funda tristeza que sobretudo lhe vem do lado masculino (a personagem de Léaud), mas também a perspectiva mais distante de um retrato geracional pelo qual passa a questão de g nero, MASCULIN FÉMININ não tem o lirismo extravagante de PIERROT LE FOU.

A estrutura   a de um "inquerito sociológico", no sentido que já Rouch e Edgar Morin lhe haviam dado em CHRONIQUE D'UN  T  (1961). O dueto pertence a um jovem marxista cinéfilo e a uma jovem

cantora que adora Pepsi, e projecta-se em leituras e diálogos: MASCULIN FÉMININ é um filme muito falado, de muitas conversas e não menos aforismos, alguns dos quais estampados como intertítulos, ou legendas, em grandes letras maiúsculas brancas sobre fundo negro a pontuar os “15 factos precisos” referidos no subtítulo. O mais famoso é o que explicita: “Este filme podia chamar-se Os Filhos de Marx e da Coca-Cola. Compreenda quem quiser.” Mas Godard, que sempre teve um discurso atraente sobre os seus e os filmes dos outros, nunca resistiu a propor as suas próprias chaves. Em Abril de 1966, ao *Le Monde*, esclareceu a propósito como tal “declaração de princípios” implica dois entendimentos neste filme, por MASCULIN FÉMININ poder ser o filme dos filhos de Marx e da Coca-Cola mas também o filme dos filhos de Marx e dos filhos da Coca-Cola: “Já não tenho ligações com os mais velhos, que são os filhos da Libertação, nem com os mais novos, que são ‘os filhos de Marx e da Coca-Cola’. É este o nome que lhes dei no filme. São influenciados pelo socialismo – encarado numa perspectiva económica muito moderna – e pelo estilo de vida americano. A luta de classes já não é aquela que os livros nos ensinavam. Antigamente, ‘a Sra. Marx’ não podia casar-se com o ‘Sr. Coca-Cola’. Hoje vemos muitas uniões destas. Pode dizer-se que Jean-Pierre Léaud (o rapaz) e Chantal Goya (a cantorzinha yé-yé) representam respectivamente a esquerda e a direita.”

Como antes dele LE PETIT SOLDAT e LES CARABINIERS, MASCULIN FÉMININ inscreve-se no seu tempo político integrando os debates da sociedade francesa da época, mergulhada nas eleições presidenciais de 1965 (as directas disputadas entre De Gaulle e Mitterrand, em que a contracepção foi um dos grandes temas, vertidos no filme), na expectativa de uma sociedade em mudança (uma questão de ambiente sociológico especificamente juvenil), com os olhos criticamente postos na América do Vietname, do consumismo, mas também na de Bob Dylan e dos filmes “com que não tinham sonhado” (também está no filme).

É também claro que, como “todos” os Godard, a atenção circunscrita de época não ilude os motivos recorrentes do amor, do sexo, do trabalho, do cinema. O primeiro “cartão” de MASCULIN FÉMININ explicita que “este é um dos 121 filmes franceses de que não se fizeram senão 3 ou 4”, remetendo o número 121 – notam várias análises – para o Manifesto dos 121 de 1960 que reuniu um grupo de intelectuais contra a guerra da Argélia. Uma das primeiras conversas do filme entre o casal recém-conhecido “dispara” no entanto noutra direcção: “O que é para si o centro do mundo? [ela] / Acho que é o amor. [ele] / É curioso, eu teria dito ‘Eu’ [ela].” O quadro de fundo e o da intimidade convivem em MASCULIN FÉMININ, permitindo uma série de declinações sob a forma de colagem de fragmentos, que passam pela vida nos cafés, a luz natural das ruas, uma certa crueza, a elaboração dos planos sequência, o filme dentro do filme, reflexos vários compostos a partir de dois movimentos, o *masculino* e o *feminino*, recorrente inquietação de Godard.

Em Léaud / Paul, é possível ver o Godard desses anos. Numa sala de cinema, assistindo a um filme que não sabe representar uma relação conjugal, Paul tapa os olhos, e também se enfurece antes de se precipitar para a cabine de projecção onde prega uma lição de formatos ao projeccionista, anunciada no escuro da sala: “Estão a projectar em panorâmico. Vou fazer um escarcéu.” É uma bela cena.